

14º Seminário Nacional Sociologia & Política

Saberes em Confluência

GT 06 - Pensamento Político na América Latina

**MANOEL BERNARDINO E A TRAJETÓRIA DE UM LÍDER CAMPONÊS
SOCIALISTA NO MARANHÃO¹**

Allena Yandra Dias Cabral²

INTRODUÇÃO

Na imprensa³ maranhense da década de 1920, Manoel Bernardino de Oliveira (1882-1942) emergiu sob a alcunha de “Lênin da Matta”. Natural do Ceará, Bernardino estabeleceu-se em 1916 na Matta do Nascimento (atual Dom Pedro - MA), onde, após anos de labuta sazonal no extrativismo do caucho no Pará, tentou organizar uma comunidade rural de orientação socialista. Em oposição ao governo de Urbano Santos (1918-1922), articulou uma fazenda coletiva que desafiava a lógica latifundiária ao oferecer acesso ao roçado e promover ensinamentos coletivistas (Botelho, 2019; Filho, 2023). Sua liderança atraiu sujeitos dispostos a superar a exploração das elites, unindo a prática do espiritismo a uma consciência política forjada na leitura e na aversão aos abusos de poder (Filho, 2023).

A trajetória de Bernardino conecta-se a lutas camponesas ancestrais, como a Balaiada, mas introduz uma lógica política moderna ao definir-se como socialista e aderir à Coluna Prestes em 1925. Essa hibridez entre o tradicional e o moderno exige romper com visões elitistas que restringem a teoria aos espaços letrados. Seguindo Brandão (2007), compreendemos a trajetória de Bernardino como uma "elaboração intelectual em ato" ou

¹ Artigo construído a partir da pesquisa ainda em desenvolvimento no âmbito do mestrado.

² Mestranda do programa de Desenvolvimento Socioespacial e Regional da Universidade Estadual do Maranhão (PPDSR/UEMA). Bolsista pela Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão - FAPEMA

³ Jornais como o *Diário de São Luís* (oposição ao governo) e a *Pacotilha* (que em 1921 apoiava o governo) foram as principais fontes escritas que registraram suas ações e esse epíteto.

práxis, onde a organização camponesa constitui, em si, uma linguagem política. Assim, o objetivo deste estudo é reconstruir sua trajetória como forma de resistência subalterna, entendida aqui, via Gramsci (1975), como a luta de uma massa social fragmentada que busca autonomia frente à dominação estatal.

Metodologicamente, o trabalho fundamenta-se no materialismo histórico de caráter ideopolítico (Netto, 2011), utilizando a crítica marxiana para aderir "destrutivamente ao objeto" (Ianni, 1982). Recusando o determinismo econômico, adotamos a perspectiva de Engels (1982) e Gramsci (1975), que compreendem as ideias e a superestrutura como forças reais que influenciam o curso das lutas. Complementarmente, utiliza-se o contextualismo linguístico da Escola de Cambridge para investigar as práticas e discursos de Bernardino como "atos" inseridos no contexto das disputas contra a oligarquia. Como procedimentos operativos de pesquisa, o trabalho utiliza da pesquisa bibliográfica e documental. O artigo divide-se em três partes: a análise da estrutura oligárquica na Primeira República; o exame do percurso biográfico de Bernardino; e a discussão sobre sua herança política e ressonâncias no pensamento socialista maranhense.

1. A REPÚBLICA OLIGÁRQUICA: DO CENÁRIO NACIONAL AO MARANHÃO

O advento da República em 1889 consolidou o poder das elites regionais através da "Política dos Governadores", um sistema de trocas de favores que garantia estabilidade ao Governo Federal em troca da não intervenção nos estados. Segundo Fernandes (2020), essa estrutura gerou posteriormente uma autocracia burguesa necessária para sustentar um capitalismo dependente, blindando o poder econômico das pressões populares. Sob o manto de leis liberais, o país real permanecia marcado pelo patrimonialismo e pelo "voto de cabresto", ferramentas do estamento burocrático para garantir a hegemonia agrária (Faoro, 2001). Nesse cenário, as perdas das elites eram socializadas, como no Convênio de Taubaté (1906) enquanto a massa rural permanecia despossuída e submetida ao coronelismo.

No Maranhão, essa lógica de dominação manifestou-se na transição camaleônica das facções imperiais para o novo regime. As antigas "lutas de famílias" entre Cabanos e Bem-te-vis (Assunção, 2018) foram reacomodadas em siglas republicanas, mantendo clãs como os Jansen, Santos e Belfort no controle estatal (Reis, 2007). O sistema atingiu seu equilíbrio sob Benedito Leite (1906-1909), que institucionalizou o situacionismo via Partido Republicano Maranhense (PRM). Contudo, sua morte em 1909 deflagrou uma crise sucessória entre o grupo de Urbano Santos, jurista com forte trânsito federal, e a dissidência

de Arthur Quadros⁴. Essa fragmentação política era indissociável da crise econômica: o declínio do algodão e do açúcar forçou as elites a buscarem no orçamento público sua via de sobrevivência (Filho, 2016). A reação à queda dos lucros gerou a "loucura industrial" em São Luís, surto fabril autocrático baseado na superexploração. O Estado atuava como avalista das grandes casas comerciais, negligenciando o bem-estar social para garantir a mão de obra vulnerável (Filho, 2016).

No interior, a infraestrutura da superexploração materializava-se no sistema de barracão⁵ e na grilagem sistemática de terras comuns. Ao utilizar o aparato jurídico para legalizar a usurpação de terras e impedir o acesso do camponês à propriedade, a oligarquia garantia uma oferta constante de mão de obra barata e dependente (Filho, 2016). O trabalhador, preso por dívidas crônicas nos armazéns dos coronéis, perdia sua liberdade formal republicana, configurando uma forma de "escravidão branca". O Estado, portanto, não era um mediador neutro; era o instrumento que garantia crédito e socorro financeiro às grandes casas comerciais de São Luís, enquanto negligenciava deliberadamente investimentos em saúde e educação para manter a massa trabalhadora vulnerável.

A resistência a esse modelo pedagógico de violência manifestou-se em episódios como a Guerra dos Leda (1900) e o Massacre de Alto Alegre (1901). Entretanto, foi nos "Fuzilamentos da Matta" (1921), sob o governo de Urbano Santos, que a repressão atingiu seu ápice. A execução sumária de lavradores na Matta do Nascimento visava desarticular núcleos coletivistas que ameaçavam a estrutura de lucro oligárquica (Botelho, 2011). É neste terreno de exclusão sistêmica e violência institucionalizada que a práxis de Manoel Bernardino emerge como uma insurgência necessária, desafiando a hegemonia das elites rurais através da autonomia camponesa.

2. MANOEL BERNARDINO E A TRAJETÓRIA DE UM CAMPONÊS SOCIALISTA: ELEMENTOS BIOGRÁFICOS E POLÍTICOS MILITANTES

⁴ Urbano Santos, jurista e político de carreira nacional, utilizou sua influência como vice-presidente da República e sua proximidade com o senador gaúcho Pinheiro Machado para manter o controle do Estado sob a chancela federal. Em oposição, Arthur Quadros (Collares Moreira), então prefeito de São Luís e vice-governador, liderou uma ala descontente do próprio PRM que, ao ser preterida na partilha do poder, buscou apoio em novas forças nacionais para derrubar o grupo dominante.

⁵ O sistema de "barracão" constituía-se em um armazém de propriedade do latifundiário ou do coronel local, onde o trabalhador era compelido a adquirir gêneros de subsistência e ferramentas de trabalho. Conforme analisa Jomar Filho (2016), este sistema operava como um mecanismo de "escravidão branca" por meio do endividamento crônico: os baixos salários (ou a ausência de remuneração monetária) somados aos preços extorsivos das mercadorias criavam uma dívida impagável, anulando a liberdade de locomoção do camponês e garantindo à oligarquia uma força de trabalho cativa e politicamente submissa.

O socialismo no Maranhão teve pouca adesão e prática no início do século XX, tendo os primeiros partidos socialistas fundados apenas em dezembro de 1932 quando fora criada a seção estadual do Partido Socialista Brasileiro (PSB) por Tarquínio Lopes Filho⁶ e o Partido Socialista Radical (PSR) pelo ex-interventor federal no estado, Reis Perdigão. Antes desses acontecimentos, as discussões resumiam-se a poucos debates na imprensa e alguns fulgores pontuais, que aqui identificamos como as ideias socialistas do camponês Manoel Bernardino. As informações apresentadas a seguir foram retiradas do depoimento que Bernardino prestou ao delegado geral de São Luís em 19 de agosto de 1921⁷ no inquérito⁸ que investigava os fuzilamentos na Matta, episódio que repercutiu localmente devido à agressividade com que o governo estadual agiu para reprimir uma possível “revolta” na localidade de Bernardino, Matta do Nascimento, episódio esse que culminou na morte de quatro lavradores da região. (Almeida, 2010).

Nascido em Crato no Ceará, Manoel Bernardino de Oliveira (1882-1942) migrou para o Maranhão na década de 1900 na busca por terras férteis para o plantio, devido as longas estiagens do estado, visando a obtenção de recursos para trazer sua família do Ceará. Ao chegar no Maranhão, estabeleceu-se na região do Engeitado, termo que faz menção ao atual município de Mirador localizado a 485km da capital, São Luís, ao sudeste do estado. Em 1901 casou-se com Laurinda Rodrigues Medrado, que era natural do Maranhão. De acordo com o depoimento, sua família chega ao Maranhão em 1902. Em um número de 10 pessoas estavam sua mãe, seu irmão Joaquim Bernardino, seu tio Antonio Fialho de Brito, entre outros. Após concluir seu principal objetivo, Bernardino passou de 1903 a 1912 em um movimento sazonal para trabalhar, a princípio, na extração do caucho e passou por cidades como São José do Araguaia (PA), Banana Come (PA), onde trabalhou também como lavrador, Santa Isabel (PA), Conceição do Araguaia (PA) e Belém (PA). Passava de julho a dezembro no Pará e retornava no fim do ano para o Maranhão. Foi nesse período, também conforme o depoimento, que teve seu primeiro contato com o socialismo. Em 1912 Bernardino volta para Mirador e por lá tem um dos seus primeiros embates. (Almeida, 2010).

⁶ Tarquínio Lopes Filho (1885–1945) foi um importante médico, cirurgião, político e jornalista maranhense, atuante na primeira metade do século XX. Humanista e líder político, destacou-se pela medicina social e pela participação na coluna Prestes, sendo uma figura histórica influente no Maranhão.

⁷ Diário Oficial do Estado do Maranhão de 22 de setembro de 1921, p. 2-10.

⁸ A utilização do Diário Oficial do Maranhão como fonte primária não implica na aceitação de sua neutralidade. Pelo contrário, opera-se aqui uma leitura a contrapelo: busca-se capturar a voz de Bernardino sob as camadas de estigmatização da imprensa oficial. Como aponta Gramsci, a história dos grupos subalternos é fragmentada e episódica, cabendo ao pesquisador identificar, nesses fragmentos, a construção de uma consciência política que a historiografia oficial tentou reduzir à mera “barderna”.

O embate entre Bernardino e o coronel Olympio Mendes, registrado nos documentos de 1921⁹, configura um episódio de resistência camponesa contra o arbítrio de lideranças locais no sertão maranhense. O conflito teve origem em dezembro de 1912, em Engeitado, quando Bernardino tomou conhecimento de que Olympio planejava espancar uma senhora chamada Anna, sua parenta, que havia recorrido a ele em busca de proteção. Ao confrontar o coronel sobre a ameaça, Bernardino ouviu de Olympio que o castigo só não seria executado se houvesse na região um homem com coragem suficiente para impedi-lo. A pronta resposta de Bernardino, afirmando que interviria pessoalmente caso a violência ocorresse, selou o rompimento definitivo entre ambos. A tensão escalou devido ao histórico de condutas atribuídas a Olympio Mendes, que incluía o estupro de adolescentes e atos de violência gratuita, como o ferimento de um jovem por uma questão envolvendo gado. Percebendo a conivência da polícia de Mirador com os abusos do coronel, Bernardino passou a organizar sua própria defesa e a de seus pares. Ele reuniu um grupo de cerca de trinta homens armados com rifles e espingardas, formando o que chamava de uma "liga de defesa" destinada a garantir a ordem em localidades onde o policiamento oficial não chegava e para evitar extorsões contra os pequenos lavradores.

O ponto crítico da disputa ocorreu quando Bernardino, alertado de que Olympio reunia capangas para atacá-lo, mobilizou seus seguidores para um possível confronto armado. O embate direto foi evitado pela mediação do juiz municipal, Dr. João Cancio Brayner, que ouviu o depoimento de Bernardino e reconheceu o clamor da sociedade local pelo fim dos abusos cometidos por Olympio. Diante da força organizada por Bernardino e da pressão das famílias da região, Olympio Mendes viu-se isolado e acabou por se retirar para o município de Grajaú, encerrando aquele ciclo de hostilidades e consolidando a influência de Bernardino como uma liderança sertaneja capaz de confrontar o poder tradicional.

Em 1915 Bernardino mudou-se do Engeitado para Palma no distrito de Curador, município de Barra do Corda. Devido à escassez de água, Bernardino abriu um “caminho” no lugar que outrora era conhecido como Escondido para a Matta do Nascimento, atual município de Dom Pedro. De acordo com o depoimento¹⁰, “A nove de novembro terminou a abertura da estrada, cêrca de quatro ou cinco léguas¹¹, recebendo quinhentos mil réis de gratificação, que o Congresso do Estado *auctorisou* o governo a dar-lhe.” Em 13 de

⁹ Diário Oficial do Estado do Maranhão de 22 de setembro de 1921, p. 2-10.

¹⁰ Diário Oficial do Estado do Maranhão de 22 de setembro de 1921, p.4

¹¹ Entre 19 a 20 km.

novembro de 1916 Bernardino migrou para Matta do Nascimento onde ali estabeleceu-se até sua morte em 1942.

Cumprе ressaltar que o município de Dom Pedro é localizado na região central do Maranhão, inserido na Bacia do Rio Mearim e apresenta uma paisagem dominada pela Mata dos Cocais. Essa configuração geográfica, marcada pelo relevo de chapadas e pela malha hidrográfica, foi determinante, anteriormente, para a circulação de Manoel Bernardino, pois as rotas de resistência camponesa seguiam os contornos dos vales e as áreas de extrativismo de subsistência.¹²

No inverno de 1917, ele relata que não possuía lavoura própria, pois havia passado o período anterior ocupado com os trabalhos na estrada. Diante dessa ociosidade forçada pelo ciclo agrícola, Bernardino decidiu dedicar seu tempo à instrução social. Ele abriu uma escola improvisada em sua própria residência, onde passou a ensinar gratuitamente algumas crianças analfabetas da região. Essa atividade de alfabetização durou até a entrada do verão, quando ele retomou o trabalho pesado na terra, abrindo quarenta tarefas de roça para o plantio de algodão. No entanto, ele registra que perdeu toda a produção para a praga da "lagarta rosea", o que o obrigou a tomar dinheiro a juros para sobreviver.

Essa dedicação ao ensino, contudo, não era vista apenas como um gesto de caridade, mas como uma forma de conscientização que incomodava a elite local. O conflito direto começou a se desenhar quando Bernardino decidiu levar as demandas por educação formal às instâncias oficiais. Ao solicitar ao então prefeito de Codó a instalação de uma escola regular e o apoio necessário para a instrução daquela população, ele não encontrou cooperação, mas sim resistência. As autoridades e grandes proprietários da região, liderados por figuras como Raymundo de Araujo Arruda, passaram a enxergar as atividades de Bernardino, tanto o ensino quanto a sua crescente liderança sobre os camponeses, como uma "ameaça".¹³

O conflito entre Bernardino e Raymundo Arruda intensificou-se quando descobriram que Arruda mantinha sob o seu domínio duas jovens em situação de vulnerabilidade, o que levou Bernardino a reprovar tal conduta perante a comunidade. Como represália, Arruda passou a intimidar o povoado com disparos de rifle e ameaças de incêndio, rotulando Bernardino como o seu "grande algoz". Longe de recuar, Bernardino mobilizou os vizinhos e relembrou o histórico violento de Arruda em crimes anteriores. A tensão atingiu o auge quando familiares de uma das jovens tentaram retirá-la da localidade e Arruda tentou

¹² Disponível em Atlas do Maranhão / Gerência de Planejamento e Desenvolvimento Econômico, Laboratório de Geoprocessamento-UEMA. São Luís: GEPLAN. 2002.

¹³ Diário Oficial do Estado do Maranhão de 22 de setembro de 1921, p. 6.

impedi-los pela força. Bernardino interveio invocando novamente a Liga de defesa com homens armados para garantir a segurança dos moradores e a realização de eventos comunitários que Arruda tentava boicotar. Sem conseguir dobrar a resistência camponesa, Arruda recorreu às autoridades em Codó, alegando que Bernardino era um "revolucionário perigoso", o que transformou a disputa local numa perseguição oficial do Estado.

Outrossim, Bernardino não buscou apenas a subsistência individual. Ele cedia terras a outros lavradores, organizando um núcleo produtivo comunitário que Araújo Filho (2023) caracteriza como uma "experiência embrionária de fazenda coletiva". Ele criava na fazenda um espaço social alternativo ao latifúndio e ao coronelismo, baseado na cooperação e no acesso coletivo à terra. Essa experiência comunitária, porém, não se restringia a uma construção pacífica e isolada; sua lógica coletiva e seu desafio às estruturas de poder tradicional inevitavelmente geravam atritos, projetando Bernardino para o centro de conflitos abertos. (Almeida, 2010). O ápice do confronto com o poder público ocorreu em cinco de agosto de 1921, com os “Fuzilamentos da Matta” que, representam um dos episódios mais dramáticos e simbolicamente potentes da política maranhense na Primeira República, marcando o ápice da violência estatal contra os camponeses da região (Botelho, 2019).

Em seu testemunho, Bernardino relatou que, na cidade de Codó, a 100 km da Matta, circulavam rumores de que as eleições estaduais marcadas para 1º de setembro daquele ano trariam riscos, uma vez que se especulava que o governo enviaria tropas a todos os municípios com o objetivo de coagir a oposição (Almeida, 2010). A fim de confirmar tais informações e decidir como agir caso se confirmassem, Manoel Bernardino deslocou-se até Codó para consultar seu aliado político, o desembargador Deoclides Mourão. Não o encontrando, retornou a Matta e escreveu, em 26 de julho de 1921, ao Major Euclides Maranhão, em Barra do Corda:

Comunico-vos que tendo recebido instruções do Rio [de Janeiro] relativamente ao direito que temos de fazer a revolução contra governos ilegítimamente constituídos e vendo a aproximação da hora resolvi fazer agentes por todo este município e de Mirador [...] e como as instruções que recebi diz que nosso inimigo só ficará convencido depois do batismo de sangue, é preciso não agirmos em traição porém que devemos pregar abertamente pois o tempo chegou. [...] espero notícias do Desembargador [Mourão]. Fico aguardando suas ordens [...] (Diário Oficial do Estado do Maranhão. 8 ago. 1921. p. 6. grifo meu).

A carta de Bernardino, enviada por meio de um boiadeiro com destino a Barra do Corda, foi interceptada no povoado de Curador (atual município de Presidente Dutra) pelo subdelegado capitão Sebastião Gomes e pelo coletor José Lopes Pedra Sobrinho, adversários políticos de Bernardino. Após interrogar o mensageiro, que afirmou levar uma carta de

Bernardino a Euclides Maranhão, mas assegurou que “tudo estava em paz”, os dois apreenderam a correspondência (Almeida, 2010).

O conteúdo da carta, especialmente a menção a um “batismo de sangue”, alarmou Sebastião Gomes, que imediatamente comunicou o fato ao juiz municipal e governista Walfredo Lira, em Barra do Corda. Lira, por sua vez, enviou um telegrama urgente ao Governador do Estado, Urbano Santos, no qual resumia a mensagem de Bernardino como um apelo à insurgência. O telegrama alertava que Bernardino pregava abertamente o derramamento de sangue e a derrubada do governo, alegando contar com cerca de mil homens armados para agir no dia da eleição, e pedia medidas urgentíssimas para conter um movimento que, segundo ele, poderia eclodir em vários municípios (Almeida, 2010). Eis a razão necessária para legitimar discursivamente os fuzilamentos da Matta.

O episódio específico aconteceu quando tropas da Força Pública, sob o comando direto do tenente Henrique Dias de Matos, cercaram e invadiram a localidade de Matta na busca por Bernardino. Não o encontrando, executaram brutalmente quatro lavradores, que se recusaram a revelar o paradeiro de Bernardino, sem processo legal, julgamento ou qualquer chance de defesa, caracterizando um ato de pura repressão política e intimidação. A ação violenta foi justificada oficialmente como uma "medida de restauração da ordem", mas seu caráter político e exemplar era transparente para toda a população. (Almeida, 2010).

Esse episódio não foi apenas uma tragédia humana; foi um evento catalisador que, pelo sangue derramado, redefiniu as regras do conflito político no Maranhão, projetando Bernardino da condição de líder regional para a de personagem central e incontornável na disputa pelo poder estadual. Cumpre ressaltar que desde a gratificação recebida pela abertura da estrada entre Palma e Matta, em 1916, consolidou a simpatia de Bernardino por Herculano Parga¹⁴. Com a dissidência política que culminou na fundação do Partido Republicano Maranhense (PRM), Bernardino engajou-se ativamente na militância partidária, tornando-se um apoio estratégico para o ex-governador Parga e para seu aliado pessoal, Deoclides Guedelha Mourão, em Codó.

¹⁴ Herculano Parga foi uma figura central na política maranhense do início do século XX, tendo exercido o cargo de governador do estado entre 1914 e 1917. Sua relação com Bernardino estreitou-se inicialmente em 1916, quando Bernardino recebeu a gratificação pela abertura da estrada que ligava Palma à localidade de Matta, consolidando uma simpatia pessoal e política pelo então governante. Posteriormente, com a cisão ocorrida na política estadual e a fundação do Partido Republicano Maranhense (PRM) pela ala dissidente, conhecidos como "parguistas", Bernardino tornou-se um militante ativo e um apoiador estratégico para o ex-governador e para seus aliados, como o desembargador Deoclides Mourão, em Codó. Essa aliança posicionou Bernardino como uma liderança camponesa influente na oposição ao grupo de Urbano Santos, o que contribuiu para que ele passasse a ser visto pelas autoridades situacionistas como uma ameaça política e social que deveria ser extirpada, culminando na repressão violenta de 1921 (Almeida, 2010).

Também em 1921, Bernardino escreve uma carta endereçada ao seu tio Antonio Fialho de Britto, datada de 20 de julho de 1921, 16 dias antes da invasão do povoado pelas tropas do tenente Antonio Henrique Dias, apreendida em Mirador. Deste documento é possível extrair mais dados sobre o socialismo, espiritismo e intelectualidade de Bernardino, que explicou o conteúdo desta carta nos seguintes termos:

Communico-te que estou pregando a doutrina amada – o socialismo. Como julgamos coisa inadiável, fui prega-la no Codó, para evitar fuxicos. [...] queria falar ali, no socialismo, do mesmo modo porque falava na Matta e, se nisto houvesse crime, seria intimado e citaria os livros, onde bebia a doutrina. Se isso faço é porque todos os dias chegam aos meus ouvidos que grupos de precisados pretendem atacar e eu congrejo todos para debaixo de uma só bandeira com o fim não só de evitar tantos sangues e execuções barbaras, como porque não devemos perder ocasião de impormos um governo do povo pelo povo¹⁵, como se está fazendo no Rio e Rio Grande do Sul. Além de muitas obras socialistas que estão em meu poder, chamo atenção para o artigo “Do mestre para o discípulo” – Reformador de 16 de junho¹⁶ proximo passado e veja que o espirita, mais do que ninguém, tem a restricta obrigação de offerecer o sangue em defesa de seus pobres irmãos opprimidos pelos grandes da terra; não como fez Christo, porque muito orgulho é querer imita-lo. O novo papel é combater o mal por qualquer meio que estiver ao nosso alcance, até mesmo com o batismo de sangue. O nosso infeliz governo vendeu o nosso torrão natal em proveito dos que não trabalham e dos estrangeiros egoistas, deixando as classes trabalhadoras¹⁷ do país na peor das misérias: sem transporte e sem instrução! Está em nossas mãos sacudir tão monstruoso parasita que se alimenta do nosso sangue! Ruy Barbosa já está unido ao exército [...]. Fiquei surpreso de em sua ultima carta não fazer você a menor allusão ao movimento socialista que ha muito doutrina para levantar as baixas camadas, embora em segredo até poucos dias, porem hoje publicamente ([...]). Discutiu-se no Rio ser este o unico meio de salvar o Brasil [...]. E os governos são impotentes para reprimir as ondas de miseraveis que eles autocratas crearam! Nesta hora, para que chegue a vez do que é justo, o proletariado se levanta. [...]. Você não ignora que Jesus Christo foi o primeiro socialista sacrificado na terra, assim diz a História Universal em sua philosophia [...] somos os instrumentos de que a Providência se serve para o cumprimento de suas leis [...]125 [...]” (Bernardino, 1921, apud, Almeida 2010, p. 86).¹⁸

Já em 1925, ao integrar a Coluna Prestes com um contingente de duzentos homens, a maior adesão local registrada, Bernardino radicalizou sua trajetória, alinhando-se formalmente ao ideário revolucionário, ainda que interpretado por uma ótica singular, marcada por elementos místicos, comunitários e morais. Bernardino abandona o movimento após discordâncias entre os rumos políticos e não integralistas da coluna.

A discordância entre Manoel Bernardino e a Coluna era que ele queria que os revoltosos se estabelecessem e resistissem no Maranhão contrariando o caráter itinerante da Coluna. Este foi um dos motivos que o levou a abandonar os tenentes.

¹⁵ Grifo nosso.

¹⁶ Esta revista ainda não foi encontrada.

¹⁷ Grifo nosso.

¹⁸ Trechos integrais da carta de Bernadino disponibilizada no Diário Oficial do Estado do Maranhão. 8 ago. 1921. p. 8.

Anita Leocádia Prestes disse ter ouvido de Luiz Carlos Prestes que a deserção foi porque Manoel Bernardino queria lutar por reforma agrária e este ponto não estava na pauta dos tenentes. Sobre a saída de Bernardino da Coluna Prestes, Lourenço Moreira Lima disse que Manoel Bernardino – conhecido como o Lénin da Mata porque defendia os direitos dos fracos e oprimidos - ainda acompanharia a Coluna até o Ceará, sua terra natal, onde viria a desertar, sendo expulso das hostes rebeldes, quanto a Euclides Neiva, seria preso no Piauí, mas não fornece maiores detalhes desta deserção. (Almeida, 2010, p.96).

O certo é que ele abandonou os revoltosos em 1926, permanecendo no Ceará até 1929, quando retornou ao Maranhão. Sua volta deu-se de Fortaleza para São Luís e, da capital maranhense, ele seguiu para fixar-se em Carutapera, às margens do rio Gurupi, no extremo oeste do estado. Ali ficou por três anos, até decidir voltar à Matta (Almeida, 2010). Esse retorno é um dos episódios mais curiosos de sua trajetória. De Carutapera à Matta, Bernardino fez o caminho a pé, descalço, sozinho, "carregando uma cruz" e pedindo esmola. Ao chegar à Matta, deixou crescer cabelos e barba, confeccionou um par de "asas de anjo" e passou a peregrinar pelas casas daqueles que acreditava ter prejudicado, pedindo perdão pelos problemas que lhes possa ter causado. Viveu assim, por cerca de um ano, vagando pela Matta e localidades vizinhas com suas asas e seu comportamento penitencial. Foi nessa condição que, certo dia em Codó, encontrou o comerciante Raimundo Freitas, cujo estabelecimento fora saqueado em 1925, tendo seu poço inutilizado com querosene e sua casa revirada. Manoel Bernardino ajoelhou-se aos pés do comerciante, implorando perdão que lhe foi negado, deixando o "anjo" em prantos. (Almeida, 2010).

Após esse período de penitência, Bernardino voltou a dedicar-se à lavoura, à religião (espiritismo) e à leitura. Tornou-se vegetariano alimentando-se apenas do que produzia e vendendo o excedente na vila Pedro II. Seu vegetarianismo era “tão rigoroso que passou a plantar amendoim para extrair óleo, evitando assim o uso da banha de porco, comum à época” (Almeida, 2010, p. 97). Dali em diante, sua vida resumiu-se ao "labor e à leitura". Defronte à sua casa, construiu uma casa de orações e uma biblioteca, onde guardava livros de espiritismo, socialismo e literatura geral. Continuou a ser procurado por todos que desejavam ouvir seus conselhos, mas afastou-se de disputas, política e conflitos de qualquer espécie. Assim seguiu Manoel Bernardino de Oliveira até 17 de janeiro de 1942, quando, em sua casa de taipa coberta de palha, expirou e "o ciclo se fechou". Deixara apenas um pedido: ser enterrado sem caixão, envolto apenas por um lençol (Braga, s.d., p. 59).

3. BERNARDINO A FORMAÇÃO DE UMA CONSCIÊNCIA POLÍTICA SUBALTERNA

A trajetória de Bernardino pode ser lida, portanto, como um caso exemplar para pensar a história dos grupos subalternos nos termos propostos por Gramsci. Conhecido

como *Lenin da Matta* devido a sua convicta pregação socialista, sua vida e militância ilustram o movimento de um indivíduo que emerge da massa camponesa "desagregada" e tenta, através de uma liderança carismática e de um projeto político singular, conferir unidade e direção a suas reivindicações, enfrentando os limites estruturais e a repressão violenta do bloco dominante. (Filho, 2023). Sua história é um testemunho das dificuldades e dos perigos inerentes ao processo de organização autônoma dos grupos subalternos, confirmando a assertiva gramsciana de que eles "sofrem sempre a iniciativa dos grupos dominantes, mesmo quando se rebelam e insurgem" (Gramsci, 2002, p.135).

Um grande indício dessa análise é a carta onde Bernardino expõe a sua convicção socialista. Nesse sentido, o que essa carta pode revelar sobre a formação de um pensamento político subalterno no Maranhão? Primeiramente, a carta revela que a formação desse pensamento não segue os caminhos da sistematização doutrinária ou da importação acrítica de ideologias. Ao contrário, ele emerge como um processo profundamente contextual e criativo, marcado pela hibridização de discursos disponíveis, como o socialismo, o espiritismo e o republicanismo, reelaborados a partir das urgências concretas da existência oprimida. Esse pensamento é, antes de tudo, prático e situado: nasce da necessidade imediata de defesa comunitária contra a violência oligárquica, da luta pelo acesso à terra e da busca por uma autonomia tangível no cotidiano. Em segundo, longe de ser uma recepção passiva de ideias exteriores, trata-se de uma apropriação ativa e seletiva, na qual os subalternos podem reinterpretar linguagens e tradições para construir uma visão de mundo que responda às suas próprias condições de vida.

Nesse sentido, a pregação e a prática de Bernardino podem configurar uma expressão singular de um pensamento político subalterno¹⁹ no Maranhão das primeiras décadas do século XX, desafiando a lógica de passividade frequentemente atribuída às massas rurais. Nesse sentido, é fundamental observar que o campo intelectual maranhense nesse contexto apresentava uma estrutura profundamente conservadora e voltada para o passado, o que dificultava a recepção de ideais socialistas. Conforme aponta Nascimento (2011), esse campo era hegemonizado pelos chamados "novos atenienses", um grupo de literatos que, embora carente de unidade política, buscava legitimação ao construir uma ponte com o glorioso passado literário maranhense do século XIX. Ao privilegiarem figuras como Gonçalves Dias e João Lisboa, esses intelectuais forjaram uma identidade regional baseada na erudição clássica e na tradição, deixando pouco ou nenhum espaço para as pautas urgentes da luta de classes ou para as correntes ideológicas reformistas que fervilhavam na Europa. Nesse cenário de

¹⁹ Embora não exista ainda um estudo concreto sobre essa temática. É o que nós propomos.

exaltação da “Atenas Brasileira”²⁰, a pregação socialista de Bernardino rompia com a redoma nostálgica da elite letrada de São Luís, situando-se em uma margem intelectual que o campo oficial deliberadamente ignorava.

Sob a ótica de Gramsci (2002), a trajetória de Bernardino revela a transição de uma consciência fragmentada para uma "iniciativa própria", onde o lavrador deixa de ser apenas um objeto da história oligárquica para se tornar um sujeito político. Esta análise, no entanto, permanece em construção, situando-se ainda no campo das hipóteses sobre como conceitos teóricos europeus, por exemplo, foram apropriados e ressignificados no contexto específico do sertão maranhense em embates como o de Bernardino. Sobre o contato com as ideias socialistas temos duas hipóteses.

A primeira é a de que seu contato com o socialismo tenha ocorrido durante o período em que trabalhou na extração do látex no Pará. Embora a historiografia tradicional privilegie o fluxo migratório europeu para o Sul e Sudeste, é plausível que o Norte e o Nordeste tenham recebido, em menor escala, imigrantes italianos e alemães vinculados ao extrativismo. Em depoimento, o próprio Bernardino confirma que essa fase foi o marco de seu primeiro contato com o ideário socialista (Almeida, 2010). Esse fenômeno insere-se em um contexto macro: a industrialização brasileira e a crescente urbanização trouxeram consigo uma força de trabalho estrangeira portadora de sólidas bagagens ideológicas. Enquanto o anarquismo predominava entre imigrantes do sul da Europa (italianos e espanhóis), as correntes socialistas eram mais comuns entre os vindos do norte, como alemães e ingleses. No entanto, a difusão dessas teorias, que atingia patamares impressionantes em polos como São Paulo, onde 90% da força fabril era estrangeira em 1900, não se restringia aos grandes centros. É aqui que entra nossa segunda hipótese. Através da oralidade e de uma vigorosa imprensa proletária, essas ideias circularam por todo o país, ecoando inclusive no Maranhão por meio de periódicos como *O Operário*. (Almeida, 2010).

Entretanto, é interessante observarmos que o Maranhão, mesmo não tendo recebido levas de imigrantes europeus para o trabalho na indústria ou na agricultura, tenha assistido ao surgimento de jornais operários em fins do século XIX no interior e na capital. Em Codó surgiu “A Luta” e a “Gazeta” e em São Luís começou a circular em 27 de novembro de 1892 o jornal, inspirado pelo socialismo humanista, “O Operário”, sic, com os lemas “Deus é nosso direito” e “Verdade não é ofensa”. “O Operário” usava suas páginas para criticar a ordem burguesa de exploração, a miséria dos trabalhadores e a opressão das classes dominantes sobre a maioria da população. Este jornal tentava conscientizar os trabalhadores de seus direitos e, ainda no 3º século XIX, insistia “na criação de um Partido Operário no Maranhão. (Almeida, 2010, p.37-38).

²⁰ Característica atribuída a ilha de São Luís devido a célebre produção literária, sendo o berço de poetas, intelectuais e escritores como Gonçalves Dias, Maria Firmina dos Reis, Aluísio Azevedo, Graça Aranha, Artur Azevedo, Josué Montello, Bandeira Tribuzi, Ferreira Gullar, Nauro Machado, João Lisboa entre outros.

A circulação de impressos pode ter permitido a Bernardino absorver um vocabulário político. O uso recorrente de termos como "classe operária" e "classe trabalhadora" no seu depoimento sugere que ele não apenas conhecia estas categorias, mas as utilizava para organizar a sua percepção da realidade. Como observa Gramsci (2002), a história dos grupos subalternos é tão complexa quanto a das classes dominantes, embora esta última seja a história oficial, o que justifica o esforço de recuperar a trajetória de Bernardino. A autonomia de seu pensamento manifesta-se na sua capacidade de "tradução cultural", um conceito discutido pelos *Subaltern Studies*. Bernardino possuía uma biblioteca pessoal com obras de Tolstoi e Guerra Junqueiro, que de acordo com Almeida (2010, p.82):

Segundo ele (Bernardino no depoimento), suas influências eram o poeta português Guerra Junqueiro em seu livro "Pátria", Tolstoi em sua obra "Amor e Liberdade", Leon Denis em seu livro "Joana D'Arc, médium", revistas espíritas como o Reformador e vários jornais e revistas da capital estadual e de outros estados da federação.

Compreende-se que Bernardino não exercia um intelectualismo passivo, mas utilizava o conhecimento como ferramenta de combate. O ensino gratuito de crianças na Matta e a demanda por escolas públicas junto à prefeitura representam uma contestação direta à hegemonia oligárquica, que via na instrução do trabalhador um perigo à manutenção da ordem. Para Bernardino, a alfabetização era o primeiro passo para a libertação política da subalternidade. (Almeida, 2010).

A formação da "Liga de Defesa" é, talvez, a evidência mais robusta de sua agência política enquanto intelectual orgânico do campesinato. Conforme os critérios metodológicos de Gramsci para o estudo das classes subalternas, a unificação de grupos dispersos em torno de uma causa comum indica o nascimento de uma vontade coletiva. Bernardino articulou pessoas ao seu redor numa luta engajada que extrapolava a defesa pessoal, inscrevendo-se numa tentativa de criar uma unidade histórica fora dos aparelhos de Estado controlados pelas elites. Como destaca Goes (2014), a historiografia subalternista busca justamente "atribuir agência aos grupos subalternos" vendo-os como sujeitos de sua própria história.

É possível ainda vislumbrar em Bernardino a recusa ao "transformismo" político, processo descrito por Gramsci como a incorporação de lideranças populares pelas elites para neutralizar o seu potencial revolucionário. Embora Bernardino tenha transitado por dissidências partidárias, a sua retórica sobre "socialismo" e "revolução" no dia das eleições demonstra que a sua lealdade não era à política institucional, mas a um projeto de transformação social profunda. A sua subsequente aproximação com a Coluna Prestes reforça

a ideia de que o seu pensamento estava conectado a um movimento nacional de contestação da República Velha.

Considerando as reflexões de Brandão (2010) sobre as linhagens do pensamento brasileiro, Bernardino representa uma linhagem muitas vezes apagada pela historiografia oficial que foca nos pactos de elite. O seu pensamento subalterno contesta a ordem oligárquica ao não se submeter à redução do camponês como ser irracional. Pelo contrário, Bernardino apresenta-se como um pensador da política que, mesmo sem tratados escritos, registrou sua teoria na prática da resistência. Brandão (2010) reforça que é necessário investigar "quais as forças reais de transformação" dentro da sociedade, e Bernardino surge como uma dessas forças no interior maranhense.

No entanto, é preciso reforçar que esta interpretação da trajetória de Bernardino enquanto uma cultura política socialista regional está em fase de consolidação e no campo das hipóteses. A hipótese de que a sua pregação servia como um contraponto intelectual à dominação tradicional exige uma análise de como o seu "senso comum" se converteu em consciência política. A existência de uma biblioteca em casa e sua atuação como mediador cultural situam-no como um ponto de inflexão que desafia a geografia tradicional dos centros urbanos como únicos polos de difusão ideológica. Por fim, ao fundamentar o pensamento de Bernardino, percebe-se que a sua importância reside na quebra do silêncio imposto à subalternidade. Ao "falar" através do depoimento oficial e da luta organizada, ele inscreveu-se na história das ideias regionais de forma indelével. A análise da sua prática permite-nos compreender as implicações de um socialismo sertanejo que, embora combatido fisicamente em 1921, permaneceu vivo na memória como uma forma de resistência subalterna que ousou pensar um Maranhão fora dos moldes oligárquicos.

CONCLUSÃO

A trajetória de Manoel Bernardino revela as complexas tramas que interligavam o campesinato e a política institucional no Maranhão da Primeira República. Como discutido, sua atuação não se limitou ao isolamento da produção rural; ao contrário, Bernardino consolidou-se como uma liderança estratégica cujas alianças, especialmente com figuras como Herculano Parga, evidenciam uma consciência política capaz de transitar entre as demandas locais por terra e as disputas de poder entre as elites estaduais. A simbiose entre o seu papel partidário e a proposta de uma comunidade de orientação socialista na região da Matta demonstra que o movimento por ele liderado representava uma afronta direta à

hegemonia do grupo de Urbano Santos, justificando a alcunha de "Lenin Maranhense" e a subsequente repressão violenta de 1921.

É imperativo ressaltar, contudo, que as reflexões aqui apresentadas constituem um estudo em construção. A análise da trajetória de Bernardino, inserida nas tensões entre o mandonismo local e o pensamento político subalterno, ainda demanda novos mergulhos documentais e um aprofundamento teórico que dê conta de todas as nuances de sua militância e das redes de sociabilidade que sustentaram seu protagonismo. Portanto, este trabalho não pretende encerrar o debate, mas sim oferecer novos pontos de apoio para a compreensão das insurgências camponesas no Nordeste brasileiro. Trata-se de um esforço contínuo de pesquisa que busca, em última análise, demonstrar que a trajetória de Bernardino não pode ser lida por uma lente mecânica que o reduz ao messianismo ou ao banditismo social. Sua política é dialética: nasce da leitura das contradições do sertão maranhense e se manifesta na capacidade de transformar a subalternidade em práxis revolucionária. Ele não apenas reagiu à história; ele pensou a história para tentar mudá-la.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Giniomar Ferreira de. **Lenine Maranhense: fuzilamentos e cultura histórica no interior do Maranhão (1921)**. 2010. 124 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.
- ASSUNÇÃO, Matthias Röhrig. *De caboclos a bem-te-vis: formação do campesinato numa sociedade escravista: Maranhão, 1800-1850*. São Paulo: Annablume, 2015.
- BOTELHO, Joan. **Conhecendo e debatendo a história do Maranhão**. 2a ed. São Luís: Editora Maranhense, 2019.
- BRANDÃO, Gildo Marçal. **Linhagens do pensamento político brasileiro**. 2. ed. São Paulo: Hucitec Editora, 2010.
- ENGELS, Friedrich. **Carta a Joseph Bloch**, 21-22 de setembro de 1890. In: Obras Escolhidas em três tomos. Lisboa: Avante! 1982. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/marx/1890/09/22.htm>.
- FAORO, Raymundo. *Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro*. Prefácio de Gabriel Cohn. 5. ed. São Paulo: Globo, 2012.
- FERREIRA, John Kennedy. **A organização das ideias socialistas no Maranhão**. In: Revista de Políticas Públicas, Universidade Federal do Maranhão, 2018.
- FERNANDES, Florestan. **Estrutura política da autocracia burguesa**. In: A revolução burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica. São Paulo: Editora Contracorrente, 2020, p. 393-430.
- FILHO, Jomar Fernandes Pereira. **Economia maranhense de 1890 a 2010: superexploração e estado oligárquico como entraves de desenvolvimento**. São Luís, 2016.
- FILHO, José Pedro de Araújo. **Viajando do Curador a Presidente Dutra: história, personalidade e fatos**. São Luís: Editora Maranhense, 2023.
- GOES, Camila Massaro de. **Existe um pensamento político subalterno?** Um estudo sobre os Subaltern Studies (1982-2000). Dissertação (Mestrado em Ciência Política) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.
- GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**, Volume 5: O Risorgimento. Notas sobre a história da Itália. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- IANNI, Octávio. **Estado e Planejamento Econômico no Brasil (1930–1970)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

LUKÁCS, György. **Arte e sociedade: escritos estéticos 1932-1967**. Organização, introdução e tradução de Carlos Nelson Coutinho e José Paulo Neto Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2009.

MARANHÃO. Diário Oficial. **Os acontecimentos da Matta**: depoimento de Manoel Bernardino de Oliveira. [S.l.], ano 15, n. 211, p. 2-10, 22 set. 1921. 22 set. 1921.

MARX, Karl; ENGELS, Friederich. **Manifesto Comunista**. Estudos avançados, 1998.

NASCIMENTO, Dorval do. **Nosso céu não tem estrelas: campo intelectual maranhense na Primeira República**. In: ANAIS DO SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH. São Paulo: ANPUH, 2011. p. 1-10.

NETTO, José Paulo. **Introdução ao estudo do método de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

REIS, Flávio Antonio Moura. **Grupos Políticos e estrutura Oligárquica no Maranhão**. São Luís: Unigraf, 2007. v. 1. 243p .

SILVA, Ricardo. **O contextualismo linguístico na história do pensamento político: Quentin Skinner e o debate metodológico contemporâneo**. In: DADOS - Revista de Ciências Sociais, vol. 53, n. 2, p. 299-335, 2010.